

## Uma centenária na família: Vovó Chiquinha e seu amor pela vida



Foto: Francisca Donizete Balbino Eufrásio – abril/2019

*Maria Aparecida Maroti*

*Não importa se a estação do ano muda...  
Se o século vira, se o milênio é outro.  
Se a idade aumenta...  
Conserva a vontade de viver,  
Não se chega a parte alguma sem ela.  
(Fernando Pessoa)*

**F**rancisca Rita de Jesus nasceu em 22/12/1914 no Bairro do Palmital, área rural localizada as margens do Rio Sapucaí, Município de Silvianópolis, Sul de Minas Gerais. Esse bairro fica a 15 km da cidade, com acesso por estrada de terra e, segundo estimativas do IBGE, em 2019, a população era de 6.238 habitantes para uma área territorial de 312.166 hab/km<sup>2</sup>.

Aos 21 anos casou-se com o vizinho Arlindo Balbino Mendes, 31 anos, viúvo e pai de 5 filhos, com idades entre 1 e 6 anos de idade, que ela ajudou a criar. Aos 22 anos, nove meses após o casamento a prole da família aumenta - nasce minha mãe, sua primeira filha com meu avô. Durante 21 anos foram sucessivas gestações, e em 1958, aos 44 anos, nasceu sua última filha. Ao todo são 11 filhos (6 mulheres e 5 homens) e 5 enteados, todos criados por ela.

Atualmente estão vivos, 9 filhos e uma enteada, todos já idosos. Dos 11 filhos, vieram 39 netos, 40 bisnetos e 6 trinets, todos com algum grau de convivência com Francisca Rita de Jesus.

A única enteada viva está com demência, e não reconhece mais as pessoas, e com 90 anos de idade está acolhida em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos – ILPI de Careaçú, pequena cidade também do Sul de Minas Gerais. Os descendentes de seus enteados são: 14 netos, 15 bisnetos e 5 trinets.

Todos os filhos de Francisca Rita nasceram em sua casa na zona rural de Silvianópolis com o apoio de parteiras. Jandira, minha mãe com 82 anos, é sua filha mais velha. Até 64 anos de idade ela também viveu na roça, com seu esposo Arlindo Balbino Mendes. Quase todos os filhos já estavam casados, e nenhum residia mais com eles, quando em maio de 1979, aos 74 anos, meu avô faleceu com diagnóstico de um câncer intestinal. A partir daí, ela fez o inventário do sítio da família, comprou uma casa e mudou-se para a cidade de Pouso Alegre (a maior da região), onde já viviam alguns de seus filhos.

Pouso Alegre, localizada a aproximadamente 34 km de Silvianópolis, é a maior cidade da região e referência nas áreas de trabalho, saúde e educação. Segundo estimativas do IBGE, sua população em 2019, era de 150.737 habitantes para uma área territorial de 542.797 km<sup>2</sup>. O IBGE também aponta para Pouso Alegre como dado demográfico em seu Censo de 2010, uma população de 14.276 pessoas idosas: sendo 12 homens e 38 mulheres entre 95 a 99 anos - faixa etária de minha avó neste ano. Entre os centenários na época o número era de 10 pessoas: 2 homens e 8 mulheres.

Na época em que se mudou para Pouso Alegre, foi residir com as duas filhas mais novas solteiras. Uma delas casou-se e mudou para São Paulo. A partir dessa data ela passou a residir só com a filha Francisca Donizete, que também se casou logo após.

Continua vivendo com essa filha, só que não mais só as duas, mas também um genro e dois netos, com 32 e 26 anos respectivamente. Já faz 40 anos que ela deixou a zona rural, onde residiu durante 64 anos. Embora tenha vivido sem pobreza e sem fome, e em casa de boas dimensões para o tamanho da família, não havia água encanada e nem luz elétrica.

Havia fartura de peixes como dourados, curimatás, traíras e piabas que meu avô pescava no rio Sapucaí e trazia para os almoços e jantares da família. Meus tios cuidavam do plantio de arroz, feijão e milho, minhas tias cuidavam dos afazeres domésticos e da horta, e minha avó fazia queijos com a sobra do leite, uma das atividades que mais me lembro de vê-la executar. Além disso, o sítio e as redondezas eram cheios de frutos nativos como bacupari, seriguela, gabioba, cambuí, pindaíva, ingá, jatobá e goiaba que todos comiam sem problemas.

Não está distante de minha memória os cuidados que ela tinha com as flores plantadas na entrada principal da casa - brinco de princesa no alpendre, coroa de cristo, papoula, onze horas - que mereciam os cuidados diários de minha vó, além, é claro, dos cachorros, que ela sempre gostava e cuidava.

Nunca me lembro de ter visto minha avó brava, mal-humorada ou reclamando de alguma coisa, mesmo a casa estando sempre com muitas visitas. Era a

casa mais frequentada por vizinhos naquelas imediações; alguns parentes próximos, outros parentes mais distantes e outros, sem vínculos de parentesco.

Aos domingos a casa era uma festa, o rádio de pilha sempre amanhecia com o locutor da rádio de uma cidade vizinha tocando as músicas caipiras do momento e também as da 'jovem guarda'.

Após o almoço sempre apareciam visitas e, em algumas safras de juá, a vizinhança se reunia para ir colher essa frutinha (parecida com o *physalis*), que era nativa em uma parte das terras da família. Minha avó, as mulheres da família e as crianças faziam um piquenique no local - cada um levava uma pequena vasilha, íamos colhendo e comendo as frutinhas. Só voltávamos à tarde para casa.

Atualmente minha avó está com 105 anos de idade e embora esteja com dificuldades de audição, continua lúcida, recebe as visitas, toma banho só, e vai até a calçada de sua casa despedir das visitas. Tem um quarto só para ela e mantém uma televisão para ver as imagens, devido às dificuldades de audição.

Até recentemente costurava pequenas coisas como retalhos de tecidos para fazer colchas de cama. Gosta de andar bem vestida e de usar acessórios, maquiagens e perfumes. Mantém em casa uma cachorrinha de estimação e, recentemente, adotou uma gata que estava nas ruas. A gata tem lugar especial no seu quarto, onde dorme em uma poltrona, ou em sua cama.

A casa onde ela reside em Pouso Alegre com a filha, sua cuidadora familiar, o genro e os dois netos, continua recebendo a visita dos outros parentes e em algumas ocasiões fica pequena para receber todas as visitas. Três de seus filhos residem próximos de sua residência e não deixam de visitá-la sempre. Às vezes, retribui as visitas deles. E os filhos que estão mais distantes também mantêm os vínculos preservados.

A casa está sempre com as portas abertas, vários netos e bisnetos também a visitam com frequência, e sempre saem com um pequeno presente de minha avó. O Natal é o ponto alto dos presentes que ela doa aos filhos e netos, e também recebe presentes, pois comemora seu aniversário - nasceu em 22 de dezembro. Quando fez 100 anos em 2014 foi uma grande festa para a família toda. Aos 103 anos, ela disse:

Hoje é o dia mais feliz da minha vida, por estar aqui com minha família, todos alegres e satisfeitos. Eu sendo uma velha de 103 anos, todos me adoram e me trazem na palma da mão. Eu não mereço tudo que meus filhos fazem por mim. Obrigada pelos presentes que todos me deram! Eu agradeço e Deus também agradece em meu lugar.

Ainda cultiva algumas amizades que a visitam, bem como toma a eucaristia duas vezes por semana, levada até sua residência por um ministro da eucaristia da Igreja Católica, e é uma mulher de fé e devota de Nossa Senhora Aparecida.

Em junho deste ano, uma de suas noras adoeceu e foi internada, e a medida que os exames avançavam, apareceu o diagnóstico de uma doença grave.

Todos os dias minha avó perguntava da nora e a família ia enrolando, dizendo: ainda está internada e fazendo exames.

Com o passar dos dias, sem alta hospitalar, ela disse a uma de minhas tias: “A Cida tem alguma coisa mais grave para estar até agora internada. Se fosse coisa mais simples ela já tinha saído. Todas as vezes que fiquei internada não fiquei todo esse tempo no hospital”.

Os familiares foram acompanhando a situação e quando os médicos disseram que ela teria poucos dias de vida, minha tia, sua cuidadora, contou para minha avó. Ela chorou muito e disse: “Por que ela? Tão nova ainda, (a nora estava com 67 anos). Como vai ficar o Tião?” (Seu filho de 80 anos, que ficou viúvo).

Não reconheço em minha avó uma mulher meiga e doce, mas uma mulher forte, determinada, alegre, afetiva e generosa e de muita fé, que ainda quer viver e diz que a vida é boa, acha os filhos e netos a melhor coisa do mundo! Pouco frequentou a escola, pois residiam distante da cidade e da escola rural, por isso seu pai contratou um professor particular para alfabetizar os filhos. Aprendeu a ler e escrever, e ainda hoje lê, mesmo com dificuldades devido as cataratas nos olhos.

Nunca teve problemas graves de saúde, a cor do cabelo é natural e durante a vida só teve duas internações, sendo uma delas para retirada do útero e a outra para retirada de uma hérnia umbilical. Já teve algumas pneumonias, porém sem maiores complicações e foram tratadas em casa. O colesterol e a pressão arterial estão controlados, não tem diabetes, mas reclama de dores nas pernas. Faz uso contínuo de alguns medicamentos. Em uma das pneumonias, ao receber minha visita disse - *Quero viver pelo menos mais um pouquinho, nem que seja rastejando entre as paredes, mas Deus é quem sabe.*

Após o falecimento de sua nora Cida (esposa de Sebastião) ela ficou triste, abatida e fez promessa para que ela e a família continuassem com boa saúde e não houvesse mais perdas. A promessa, para Nossa Senhora Aparecida, era de não mais cortar os cabelos. Em uma de minhas visitas, quando me falou sobre isso, disse para ela, que não ficaria bem de cabelo comprido, pois daria trabalho para lavar e pentear, e ficaria mais envelhecida. Sugeri que ela mudasse sua promessa.

Ela sorriu e não disse nada. Qual foi minha surpresa que um tempo depois, recebi sua foto com cabelo cortado e escovado, demonstrando que havia mudado a promessa, só não me disse depois qual seria. É a foto está no início do texto. Esse episódio me mostrou o quanto minha avó tem espaço para a escuta, é flexível, tem bom senso e, além disso, gosta de sentir-se bonita.

## Referências

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2000.

COSTA SENE, E. M. *Gerontodrama - Velhice em Cena*. São Paulo: Editora Ágora, 1998.

GUSMÃO, N.M.M.; VON SIMON, O.R.M (org.). *Velhice e Diferenças na Vida Contemporânea*. Campinas /SP: Alínea Editora, 2006.

MUCIDA, Â. *O sujeito não envelhece – psicanálise e velhice*. Belo Horizonte – MG: Autêntica Editora, 2004.

NERI, A.L. (org.). *Palavras – Chave em Gerontologia*. Terceira Edição. Campinas-SP: Alínea Editora, 2008.

PACHECO, J.L.; MARTINS SÁ, J.L.; PY, L.; GOLDMAM S.N. (org.) *Tempo rio que arrebatá*. Holambra – SP: Eitora Setembro, 2005.

### Consultas

[https://www.pensador.com/frases\\_sobre\\_velhice\\_de\\_fernando\\_pessoa/](https://www.pensador.com/frases_sobre_velhice_de_fernando_pessoa/)  
Acessado em 06/08/2019.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/silvianopolis/panorama> Acessado em 26/09/2019.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/pouso-alegre/panorama> Acessado em 26/09/2019.

*Data de recebimento: 30/07/2020; Data de aceite: 25/09/2020*

---

**Maria Aparecida Maroti** – Assistente social. Especialista em Saúde Pública. Atua como assistente social na Secretaria de Assistência Social de Osasco – SP (desde 1996). Assistente social da Associação São Joaquim de Apoio à Maturidade, no município de Carapicuíba – SP, (desde 2008). Atuou como conselheira de políticas públicas nos Conselhos do Idoso, Educação e Segurança Alimentar e Nutricional de Osasco e Conselho Municipal de Assistência Social - CMAS de Carapicuíba e Osasco. No CMAS de Osasco, foi presidente na gestão 2016-2018. E-mail: cidinhamaroti@gmail.com